



Estudos Discursivos: Imigração, Língua e Interculturalidade no Cone-Sul Latino-americano

Silvana Serrani¹ (UNICAMP/CNPq)

Resumo:

Este artigo discute os deslocamentos da teoria e metodologia da Análise do Discurso, desenvolvida a partir dos trabalhos de Foucault e Pêcheux, salientando sua articulação com os Estudos Literário-culturais. Para tanto, são caracterizadas sucintamente as categorias de análise: intradiscorso, interdiscorso, gênero discursivo, ressonância e formação discursiva. Sua implementação é ilustrada mediante a) uma pesquisa concluída, acerca do discurso sobre a língua na conjuntura da grande imigração europeia no Cone Sul latino-americano, e b) a abordagem discursiva de crônicas de Arlt. Nas conclusões, são caracterizadas formações discursivas na memória sobre representações da língua, apontando consequências para estudos da interculturalidade latino-americana.

Palavras-chave: Análise do Discurso, Imigração, Interculturalidade Latino-americana

Abstract:

This article discusses theoretical and methodological displacements concerning the approach of Discourse Analysis based on Foucault's and Pêcheux's works. Articulations with current literary and cultural studies are also underlined. The analytical categories: intradiscourse, interdiscourse, genre, discursive resonance and discursive formation are presented. Their implementation is illustrated by referring to a) a discursive approach of data from a concluded research on the debate about language at the time of the great European immigration in Southern Latin America, and b) a discursive approach of two chronicles by Arlt. In the conclusion, discursive formations concerning language representations are described, pointing at consequences for the study of Latin American interculturality.

Keywords: Discourse Analysis, Immigration, Latin-American Interculturality.

Introdução

Os Estudos do Discurso tiveram um desenvolvimento muito significativo nas últimas décadas do século XX e no começo do século XXI. Pessoalmente, participei do grupo de pesquisa em Análise do Discurso da Unicamp desde sua formação, no início dos anos oitenta. Neste texto, destinado a volume sobre os Estudos Discursivos no Brasil, o objetivo não é fazer um histórico de pesquisas desenvolvidas por esse ou outros grupos de Análise de Discurso. Prefiro, depois de mencionar algumas necessárias informações de referência, propor uma leitura atual dos deslocamentos teórico-metodológicos dessa perspectiva em estudos da linguagem, salientando sua relevância para a pesquisa em estudos literário-culturais.

Para tanto, em um primeiro momento me referirei às etapas principais no desenvolvimento teórico-metodológico da Análise do Discurso iniciada na França pelo grupo coordenado por Michel Pêcheux, concentrando-me na definição de noções básicas que, no meu entender, continuam operativas atualmente, a saber: intradiscurso, interdiscurso, gênero discursivo, ressonância e formação discursiva. Na sequência, apresentarei exemplos de análise, nos quais as referidas noções teórico-metodológicas foram mobilizadas. Estimulada pelo diálogo intelectual com pesquisadores italianos sobre o tema imigratório na Argentina e no Brasil (CATTARULLA, 2003), em um primeiro momento, retomarei exemplos extraídos de uma pesquisa que realizei anteriormente sobre a relação língua – nação – identidade, na conjuntura da grande imigração europeia no Cone Sul latino-americano e, em seguida, apresentarei um desenvolvimento atual, abordando elementos discursivos em duas crônicas (*Aguafuertes porteñas*) do escritor argentino Roberto Arlt. Dessa forma, este trabalho procura contribuir para a reflexão teórica e para a prática analítica.

Análise do Discurso: fontes e deslocamentos conceituais

Contemporaneamente ao apogeu da visão gerativo-transformacional no estudo da linguagem - visão conhecida por seu logicismo e a-historicidade -, começaram na França, bem no final dos anos sessenta, os trabalhos do que se chamou de “a primeira etapa da Análise do Discurso”. Um dos principais deslocamentos conceituais foi a importância dada às condições sócio-históricas e ideológicas de produção verbal, à dimensão imaginária (e não

apenas lógica) da produção de sentido, e ao sujeito do discurso, sem desconsiderar em sua constituição a hipótese do inconsciente.

No grupo de pesquisa de que participei na Unicamp, impulsionado por Eni Orlandi (dentre as obras da autora, por exemplo, ORLANDI, 2006 [1ª ed. 1983]; 1999 {1ª. Ed. 1988})¹, foram muito estudados os trabalhos produzidos na França pelo grupo de pesquisa em torno de Michel Pêcheux (dentre obras de sua autoria ou recopilações de sua obra, por exemplo, PÊCHEUX, 2009 [1ª. ed.bras. 1988]; GADET e HAK, 2010 [1ª. ed. bras.1990]). Cabe mencionar também que muitos dos trabalhos que sustentaram a pesquisa em Análise do Discurso no final do século XX foram publicados em numerosos volumes da revista francesa *Langages*. Também, foram cruciais os avanços nos estudos discursivos que nos domínios da História e da Filosofia realizara Michel Foucault (entre outras obras, por exemplo, FOUCAULT, M., 2012 [1ª ed. francesa 1969]). Na próxima seção, ao tratar das distinções conceituais, especificarei detalhes sobre influências e relações teóricas. Outro grande pensador, destacado por muitos pesquisadores – inclusive por mim - como precursor dos estudos discursivos, foi Mikhail Bakhtin. Do grupo de estudiosos que trabalhavam diretamente com Michel Pêcheux na França, Jacqueline Authier-Revuz (1995, 1998) é uma das que destacou a relevância do dialogismo bakhtiniano na concepção da heterogeneidade discursiva. No Brasil, os estudos impulsionados por Beth Brait se concentram especialmente no pensamento bakhtiniano (cf. entre outras obras da autora, BRAIT, B., 2005, 2006). E nos estudos literário-culturais, essa ponte conceitual encontra-se detalhada, por exemplo, na obra de Terry Eagleton (1997, p.173).

Pêcheux propõe focar os problemas do sentido em uma perspectiva discursiva, insistindo na relevância das formações imaginárias, ampliando e problematizando, assim, o esquema da comunicação jakobsoniano:

A e B [os interlocutores] designam algo que difere da presença física de organismos humanos individuais. (...) A e B designam lugares determinados na estrutura de uma formação social, lugares dos quais a Sociologia pode descrever o feixe de traços objetivos característicos (...). Nossa hipótese é que esses lugares estão representados nos processos discursivos(...), isto é, [o feixe] encontra-se aí representado, presente, mas transformado. Aquilo

¹ Além de publicados em numerosos livros e revistas especializadas, os trabalhos desse grupo de pesquisa têm sido apresentados nas cinco edições do SEAD (Seminário de Estudos do Discurso), realizado em Porto Alegre (última edição: 2011).

que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro. Existem nos mecanismos de toda formação social regras de projeção, que estabelecem as relações entre as situações (objetivamente definíveis) e as posições (representações dessas situações (PÊCHEUX. In GADET. e HAK, 1990, p. 82).

Pessoalmente, costumo lembrar das expressões formulares das formações imaginárias, a partir das produzidas por Pêcheux (1990, p. 84.), pois elas ajudam a organizar os procedimentos de análise. Assim, ao abordarmos discursivamente qualquer sequência verbal, é preciso interrogar-se sobre: a imagem que o enunciador faz de si, do destinatário e do objeto do discurso, isto é daquilo do que se fala²: (I (E (E)); I (E(D)); I (E(Obj. do D))). Simultaneamente funcionam no discurso as imagens que o destinatário faz de si, do enunciador e do objeto do discurso (I (D (D)); I (D(E)); I (D(Obj. do D))). O interlocutor participa ativamente da produção. Conforme o destinatário, a produção do discurso muda. Além dessas formações imaginárias simples existem as compostas, que atuam simultaneamente: a imagem que o enunciador faz que, por sua vez, o destinatário faz de si próprio, do enunciador e do objeto do discurso (I(E(D (D); I (E(D(E))); IE(D(Obj. do D.))) e simultaneamente, as imagens que o destinatário faz que, por sua vez, o enunciador faz de si próprio, do destinatário e do objeto do discurso (I(D(E(E)); I (D(E(D))),I(D(E(Obj. do D.))).

Ao longo das últimas décadas do século XX, a metodologia da Análise do Discurso passou por desenvolvimentos, especialmente na forma de composição dos corpora, que deixaram de ser pré-determinados em relação às filiações político-ideológicas, nas quais os discursos tinham sido produzidos. Isso tinha levado a um certo maniqueísmo nas análises das épocas iniciais, quando eram frequentes as pesquisas sobre “discurso patronal” em oposição a “discurso operário”, mas sem nuances ou contradições internas em cada um deles. Essa alteridade e contradições internas a grupos e discursos foram, sim, levadas em conta nas etapas posteriores de desenvolvimento da teoria. A seguir, especificarei isso de forma mais detalhada, ao focar as principais categorias de análise.

² Nas versões originais dessas expressões formulares, constava “referente”. Prefiro a expressão “objeto do discurso” para indicar que o este participa da construção do objeto do qual se fala e não meramente que se trata de referir algo totalmente exterior a ele.

Categorias de Análise Clássicas e Operativas na Atualidade

Dentre as categorias de análise que tem se mostrado operativas até hoje em numerosas pesquisas que realizei, coordenei ou orientei, gostaria de começar salientando a distinção **intradiscurso e interdiscurso**. Esses termos foram cunhados por M. Pêcheux no início do que poderia ser chamado de segunda época da Análise do Discurso, quando as análises procuravam avançar em relação ao mencionado esquematismo da etapa inicial. O **intradiscurso** corresponde à dimensão linear da linguagem verbal, que, diferentemente de outras linguagens, requer da apresentação sequencial e do tempo. O nível intradiscursivo de análise é aquele em que o analista observa um trecho da sequência em relação ao dito antes e ao que prossegue (PÊCHEUX, 2009, p. 153). O intradiscurso corresponde à noção de formulação da teoria foucaultiana (FOUCAULT, 1985: 144), ou seja, à sequência efetivamente produzida na horizontalidade da cadeia verbal. É a dimensão que enfoca o começo, meio e fim de um texto. Mas os níveis intra e interdiscursivos são interdependentes, pois não temos um sem o outro. O **interdiscurso** corresponde à dimensão vertical da linguagem, ancorada nas memórias sócio-históricas e inconscientes implícitas em todo dizer (PÊCHEUX, 2009, p. 154) e está diretamente relacionado à concepção foucaultiana do enunciado (FOUCAULT, 1985:145), que não se refere à realização de uma frase, mas à ordem da repetibilidade e às redes enunciativas que emergem em um dado contexto de uma formação social determinada. O nível interdiscursivo de análise é constitutivo, mas não é evidente. Ele faz com que um discurso atual possa estar relacionado a discursos produzidos muito tempo atrás, ou a discursos recentes, contemporâneos, do mesmo gênero ou de outros. Enfim, é a dimensão em que a linguagem verbal é abordada em sua dimensão não linear e não explícita.

Quanto à noção de **gênero discursivo**, nas minhas investigações tenho operado com a concepção bakhtiniana, diretamente ligada à noção de esfera social, ou seja, não se trata da distinção de configurações meramente formais de textos, mas da sedimentação de processos enunciativos, que acontecem em diferentes âmbitos e esferas sociais. Como diz Bakhtin:

todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua (...) [e] cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso (...) Não há razão para minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso e a conseqüente dificuldade quando se trata de definir o caráter genérico do enunciado (BAKHTIN, 2000: 279- 281).

A noção de **formação discursiva** é uma distinção conceitual clássica na Análise do Discurso. Ela foi inicialmente definida como aquilo que pode e deve ser dito, a partir de uma posição, em uma dada conjuntura sócio-histórica (PECHEUX, 2009, P. 147). Essa definição trouxe a contribuição de superar o entendimento de um sujeito de discurso que enuncia livremente o que deseja e de avançar em relação à concepção literal do sentido. A noção de formação discursiva permite compreender que “as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam” (PÊCHEUX, 2009, P. 146). Mas essa noção motivou controvérsias ao longo do desenvolvimento da teoria, pois, como já dito, nas primeiras épocas, estabeleciam-se relações mecânicas entre posições políticas e formações discursivas. Por exemplo, nas análises dos primeiros tempos, partia-se de corpora já determinados por materiais textuais produzidos no seio de um ou outro partido político, ou de determinados sindicatos. Assim, falava-se em formação discursiva socialista ou comunista e formação discursiva operária ou patronal, de forma algo compartimentalizada e sem considerar as contradições no interior de cada formação. No meu entender, essas críticas, que eram pertinentes, não invalidaram a relevância da noção, pois sua concepção foi aprimorada e ela continua sendo profícua nas análises discursivas, como veremos nas ilustrações deste trabalho. Atualmente, a formação discursiva é entendida como condensação de sentidos em regularidades enunciativas, vinculadas, sim, a grupos sociais e conjunturas sócio-históricas, mas de modo não fechado, pois os corpora não são estabelecidos a priori, em função de formações ideológicas unívocas. De fato, em uma análise discursiva, conforme os objetivos da pesquisa, pode haver diferentes momentos de composição do corpus, que, por sua vez, pode estar formado por materiais heterogêneos.

Para chegar a essas condensações de sentido desenvolvemos a noção de **ressonância discursiva**, pois ela permite analisar espaços de reformulação e de paráfrase. Trata-se de registrar, em um corpus de sequências verbais, a repetição de itens lexicais (de uma mesma família de palavras ou de diferentes raízes, mas apresentadas, no discurso, como semanticamente equivalentes), de construções que funcionem como paráfrases no discurso (sejam ou não paráfrases sintáticas) e de modos de enunciar recorrentes, que contribuem para construir a representação de sentidos predominantes. Nas seções seguintes, ilustraremos a operacionalização destas noções em análises de discursos sobre a língua.

Análise de Discurso, Imigração e Representações da Língua 1: Exemplos de uma Pesquisa Concluída

Realizei esta pesquisa sobre efeitos metafóricos entre língua e nação ao estudar o discurso da polêmica sobre o idioma, acontecida na Argentina no contexto da grande imigração europeia na passagem do século XIX ao XX. O corpus foi composto por textos do gênero ensaio e a maioria deles tinha sido publicada inicialmente na imprensa diária ou periódica de Buenos Aires. Cabe mencionar que a reflexão sobre este tema procura contribuir também para levantar questões reflexões no contexto brasileiro (especialmente São Paulo), devido à situações comparáveis no tocante ao fluxo imigratório, como mostra a tabela abaixo:

	Número Registrado de Imigrantes	
	Argentina	Brasil (Est.São Paulo)
1888/1890	527.000	157.781
1891/1920	923.400	733.335

(ALIMONDA, 1982, p. 354).

Na referida pesquisa analisei ressonâncias discursivas em torno de frases nominais e modos de dizer, recorrentes nos ensaios. Por sua vez, essas ressonâncias materializam regularidades enunciativas que conformam formações discursivas que descreveremos em seguida. Foram analisados quarenta e sete textos, dos quais poderei reproduzir somente alguns exemplos³. Os autores pertencem ou estão diretamente vinculados à oligarquia, que era a organização política composta pelo “presidente e as pessoas a sua volta, os governadores e os que os apoiavam, os legisladores nacionais que obedeciam as solicitações do executivo - seja nacional, seja provincial - e dos grandes interesses econômicos, principalmente dos latifundiários” (MAC GANN. In JITRIK, 1982:36).

A partir da análise de ressonâncias discursivas nos materiais do corpus, foi possível caracterizar uma primeira modulação nessa formação discursiva, que denominamos de

³ As referências detalhadas do corpus completo constam em Serrani, 1997, pp. 123-127.

casticismo aristocrático. Ela se caracteriza pela construção elíptica (uma espécie de “indiferença” no intradiscurso explícito) em relação ao mundo e aos falares dos imigrantes. Em alguns casos nem sequer se admite que haja algum problema relativo à imigração. Por isso, as palavras que ressoam são: **questão, assunto, tema, matéria**, mas não “problema”.

Exemplos⁴:

A **questão** não é, pois, fazer da língua um mar congelado, a **questão está em mantê-la pura em seus fundamentos ao enriquecê-la com elementos novos e vigorosos, fundir a estes na massa comum e submetê-los às boas regras, que não são apenas base da estabilidade**, mas condição essencial para fazer possível o progresso” (CANÉ, 1900, ed. 1919, p. 64)⁵.

Eu considero **o assunto** com o mesmo critério que o dr. Cané, e por isso não repetirei o já dito, e mestramente, por tão distinguido homem de letras (...) **muito do exposto** por Ud. [E Quesada no livro *El criollismo en la literatura argentina*, 1902] **teve para mim o atrativo de uma verdadeira revelação**. O mal era muito mais fundo do que imaginado. O Sr. o demonstra com essa vasta erudição, característica de todos seus escritos, pois ninguém aprofundou tanto **o assunto** nem dissecou com sua maestria de cirurgião o corpo deforme **desse monstro microcéfalo** (ESTRADA, 1902. In RUBIONE, 1983, p. 239)⁶.

O assunto explícito é a língua, mas os efeitos metafóricos da pureza enriquecida com “elementos novos e vigorosos” ou o “corpo deforme” do “monstro microcéfalo” constroem representações (pejorativas) do mundo imigrante. Observe-se também a construção do efeito de sentido de surpresa: quando a questão relativa às transformações na língua pela presença imigrante é colocada, para os enunciadores desta modulação, isso é representado como “uma verdadeira revelação”.

⁴ Em consideração aos leitores brasileiros, constarão as versões em português no corpo do trabalho e os originais em espanhol em nota de rodapé. Sempre que nas referências bibliográficas o título da obra não estiver em português, não havendo indicação de tradutor, a tradução será minha.

⁵ *La cuestión no es, pues, hacer de la lengua un mar congelado, la cuestión está en mantenerla pura en sus fundamentos y al enriquecerlas con elementos nuevos y vigorosos, fundir a éstos en la masa común y someterlos a las buenas reglas, que no sólo son base de estabilidad, sino condición esencial para hacer posible el progreso*” (M. CANÉ, 1900, ed. 1919, p. 64).

⁶ *Yo considero el asunto con el mismo criterio que el dr. Cané, y por eso no entraré a repetir lo dicho ya, y maestramente, por tan distinguido hombre de letras.(...) mucho de lo expuesto por Ud. [E. Quesada en *El criollismo en la literatura argentina*, 1902] ha tenido para mí el atractivo de una verdadera revelación. El mal era mucho más hondo de lo imaginado. Ud. lo demuestra con esa vasta erudición, característica de todos sus escritos, pues nadie ha profundizado tanto el asunto ni disecado con su maestría de cirujano el cuerpo deforme de ese monstruo microcéfalo* (ESTRADA, 1902. In RUBIONE, 1983, p. 239).

Diferentemente, a segunda modulação estabelecida foi a do **casticismo academicista**, que reconhece, no discurso, que há um **problema**, contra o qual há que lutar. As palavras que ressoam são, precisamente: **problema, luta, pleito, contenda** entre “nossa língua” e os falares do mundo imigrante. Exemplos:

O **pleito** da linguagem. A **contenda** está empenhada. De um lado, o vulgo – que é muito numeroso – detestando a gramática e gozando de seus cultores, do outro lado, aqueles que a defendem com afinco (MONNER SANS, 1906, p. 31)⁷.

[...] me levou a compilar na forma de pequena obra as páginas que sobre a transcendental questão do **problema** da língua acabo de publicar na Revista Nacional (QUESADA, 1900: VIII)⁸

Uma análise deste tipo requer que se considerem, também, discursos dos domínios de memória e de antecipação (COURTINE, J.J., 1981, p. 56-7), isto é, discursos produzidos, respectivamente, com anterioridade e posterioridade ao núcleo principal de materiais do corpus. A sequência reproduzida a seguir corresponde ao domínio de memória das ressonâncias sobre **nossa língua**, expressão muito recorrente no discurso da polêmica. O texto foi produzido nos anos de 1830 por Juan Bautista Alberdi, que foi autor do livro *Bases y puntos de partida para la Organización Nacional*, obra que alicerçou a elaboração da Constituição Nacional de 1853, que, exceto nos períodos de ditadura, regeu a República Argentina até 1994:

Nossas simpatias com a França não são sem causa. Nós tivemos duas existências no mundo, uma colonial, outra republicana. A primeira nos foi dada pela Espanha, a segunda, pela França. (...). Dizer que **nossa língua** é a língua espanhola é dizer que também **nossa legislação, nossos costumes** não são nossos, mas da Espanha, isto é, que **nossa pátria** não tem personalidade nacional, que **nossa pátria** não é uma pátria, que América não é América (...). A legitimidade de um idioma só vem e pode vir do pleno desempenho de sua missão. **Nossa língua** aspira a uma emancipação porque ela é uma face da emancipação nacional. (ALBERDI, 1837, Ed. 1984, p. 153)⁹.

⁷ *El pleito del lenguaje. La contienda está empeñada. De un lado el vulgo – que es numerosísimo – abominando de la gramática y burlándose de sus cultores; del otro aquellos que la defienden con tesón* (MONNER SANS, 1906, p. 31).

⁸ {...} *me ha movido a recoger en forma de opúsculo las páginas que sobre a transcendental cuestión del problema de la lengua acabo de publicar en la Revista Nacional* (QUESADA, 1900: VIII).

⁹ *Nuestras simpatías con la Francia no son sin causa. Nosotros hemos tenido dos existencia em el mundo, una colonial, otra republicana. La primera nos la dio la España, la segunda, la Francia. (...) Decir que nuestra lengua es la lengua española, es decir también que nuestra legislación, nuestras costumbres, no son nuestras sino de la España,*

Quanto ao domínio de antecipação, vários textos de Borges¹⁰, produzidos pelo escritor durante as décadas de vinte e trinta, mostram que o discurso sobre a língua fez parte de um debate que se prolongou no tempo. Borges não ficou alheio a esta polêmica e as mudanças em seu discurso - a favor de um certo *criollismo* nos primeiros escritos e a posterior negação ou, inclusive, trivialização dessa etapa - foram muito bem explicadas por Jorge Schwartz (1995, p. 44-48). Mas no discurso de Borges houve sempre duas constantes: sua posição contrária ao purismo e às academias da língua e seu distanciamento dos “*gringos, con los cuales ‘no habla [su] pluma’*”¹¹ (SCHWARTZ, 1995, p. 46).

Voltando às sequências produzidas durante a polêmica principal, no nosso corpus observamos também ressonâncias de modos de dizer, tais como o **causativista** (no qual a formulação segue o seguinte esquema: [isto] faz com que aconteça [aquilo], apagando-se os agentes ou as causas de processos que levam à realização das ações expressas pelos verbos (ORLANDI, 1983, p. 66). Outra ressonância do modo de dizer que se mostrou relevante foi a de **tom casual**, materializada, muitas vezes, pela incidência de enunciações parentéticas. Lembremos que nas análises discursivas, diferentemente do que acontece na sintaxe, a proposição parentética costuma ser a principal em termos de produção de sentidos. Exemplos:

As primeiras impressões positivamente desagradáveis que senti em relação à maneira em que falamos e escrevemos nossa língua foi quando **as exigências de minha carreira me levaram** a habitar, no estrangeiro, países onde também impera o idioma castelhano (CANÉ, 1900, Ed. 1919, p. 61)¹².

Sentia em mim, ao mesmo tempo que a natural e instintiva simpatia pela Espanha (**e ao falar assim refiro-me aos que temos sangue espanhola nas veias**) certa repulsão a acatar submissamente as regras e prescrições do bem dizer, estabelecidas por autoridades peninsulares (CANÉ, 1900, Ed. 1919, p. 61)¹³.

eso es, que nuestra patria no tiene personalidad nacional, que nuestra patria no es una patria, que América no es América (...). La legitimidad de un idioma no viene ni puede venir sino del pleno desempeño de su misión. Nuestra lengua aspira a una emancipación porque ella es una faz de la emancipación nacional (ALBERDI, 1837, ed. 1984, p. 153).

¹⁰ E de outros autores, como Roberto Arlt, de cujos textos, pertencentes a uma outra formação discursiva, nos ocuparemos na seção seguinte.

¹¹ Gringos com os quais ‘não fala [sua] caneta’.

¹² *Las primeras impresiones positivamente desagradables que sentí respecto a la manera con que hablamos y escribimos nuestra lengua fue cuando las exigencias de mi carrera me llevaron a habitar, en el extranjero, países donde también impera el idioma castellano* (CANÉ, 1900, ed. 1919, p. 61).

¹³ *Sentía en mí, al par de la natural e instintiva simpatía por la España (y al hablar así me refiero a los que tenemos sangre española en las venas) cierta repulsión a acatar sumisamente las reglas y prescripciones del buen decir, establecidas por autoridades peninsulares* (CANÉ, 1900, ed. 1919, p. 61).

O autor [Quesada comenta texto de F. Soto y Calvo] mostra-se muito amigo de todo tipo de giro expressivo esquisito, mas devo confessar que algumas acepções - **a mim, argentino pelos quatro costados** - enchem de espanto (QUESADA,1902. In RUBIONE, 1983, p. 177)¹⁴.

As duas modulações acima descritas são constituídas pela existência de uma **contradição intrínseca** (FOUCAULT, 1985, p. 258) entre si, pois embora as formulações em uma e outra modulação sejam diferentes, seja pelo apagamento do outro (ou representação de “indiferença” explícita), seja pela luta contra “o problema”, é construída uma representação da língua e da sociedade associada a sentidos de **pureza**, com o implícito discursivo de que tudo “aquilo” que a corromper ou contaminar deve ser expulso. De fato, Miguel Cané, um dos autores muito presentes ou referidos na polêmica, foi o senador que apresentou o projeto da Lei de Residência, sancionada em 1902, que permitiu a expulsão de imigrantes sem julgamento prévio.

A terceira modulação que distinguimos na formação discursiva foi a denominada como **paternalismo tolerante**. Essa modulação está em relação de **contradição derivada** (FOUCAULT, 1985, P. 257) com as duas anteriores juntas, pois há inclusive fortes oposições em relação às formulações de seus discursos. As diferenças podem ser tantas que pode parecer que se trata de uma outra formação discursiva, porém não é assim. De fato, nos textos desta terceira formação discursiva não há formulações sobre exclusão do mundo imigrante por silenciamento ou combate, há formulações que propõem a via de uma tolerância, entendida como um enquadramento ideológico (RAMA, A., 1982, p. 255), que, no tocante à língua, venha a neutralizar o “horível linguajar ítalo-gregollo!” (SOTO Y CALVO, 1903. In RUBIONE, 1983, p. 275). Nesse mesmo texto, Soto y Calvo afirma: “Hoje em dia atacar os gêneros baixos de nossa literatura não só não é filosófico, como também não é eficaz, nem chegará a ser político” (SOTO Y CALVO, 1903. In RUBIONE, 1983, p. 270). Essa posição mais política, paternalista, mas sem proposta de integração baseada em princípios efetivamente democráticos, foi a subjacente nos programas pedagógicos das décadas da primeira metade do século XX.

Ao realizar esta pesquisa, eu apontei a existência de uma outra formação discursiva, em relação de **contradição extrínseca** (FOUCAULT, 1985, P. 257) com a que acabei de descrever.

¹⁴ *El autor se muestra muy amigo de todo tipo de retruécanos, pero debo confesar que algunas acepciones – a mí, argentino por los cuatro lados, me llenan de asombro* (QUESADA,1902. In RUBIONE, 1983, p. 177).

Naquela ocasião, fiz referências ao discurso das crônicas **Águas-fortes Portenhas** de Roberto Arlt¹⁵, mas não me detive nelas, o que faço, a seguir.

Análise de discurso, Imigração e Representações da Língua 2: as Vozes Outras e Discurso em Crônicas de Roberto Arlt

As **Águas-fortes Portenhas** são textos que extrapolam o gênero discursivo crônica (Roberto Arlt gostava de chamá-las também de 'notas'), mas a ele estão relacionados. O autor publicou esses textos no Jornal *El Mundo* de Buenos Aires entre 1928 e 1942 (ano de sua morte). Parte delas foram recopiladas em livro. As duas em foco nestas considerações são: *El origen de algunas palabras de nuestro léxico popular* e *El idioma de los argentinos* (doravante: *Origem e Idioma*, respectivamente). Para as versões em português, considerarei a tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro, 2001.

Quanto à representação da língua, em *Origem*, encontramos ressonâncias discursivas sobre a **língua em contexto social e espacial concreto**, com destaque explícito para imigrantes de procedência italiana e os bairros onde eles moravam. A representação da distância construída a partir dos nomes dos bairros é geográfica e social: Núñez, bairro de classe média, na região Norte de Buenos Aires e Boca, bairro operário da região Sul. Corrales corresponde ao atual bairro de Parque Patrícios (tendo este último nome a partir de 1902), localizado aproximadamente no centro geográfico da capital argentina e onde existiu o Hotel do Imigrante, para a hospedagem transitória dos recém ingressados ao país. Exemplos:

Não há portenho da Boca a Núñez e de Núñez a Corrales que não tenha dito alguma vez:

Hoje estou com "fiaca"! (ARLT, *Origem*, Trad. GURGEL RIBEIRO, 2001, p. 173)¹⁶.

(...) esa palabra [*fiaca*] é autenticamente **genovesa** (...)
(...)

¹⁵ Escolhemos esses exemplos, por serem muito ilustrativos. Obviamente, a discursividade é uma rede de ocorrências textuais e genéricas. Afinidades discursivas estão também presentes, por exemplo, no discurso do teatrólogo uruguaio Vicente Rossi (1910): **Teatro Nacional Rioplatense**. Buenos Aires: Ed. Solar/Hachette, 1969.

¹⁶ *No hay porteño, desde la Boca a Núñez, y desde Núñez a Corrales, que no haya dicho alguna vez:*
- ¡Tengo una fiaca! (ARLT, 1976, p. 40).

os genoveses de Boca quando observavam que uma criança bocejava, diziam **“tem a fiaca em cima, tem”** e imediatamente lhe recomendavam que comesse, que se alimentasse (ARLT, Origem, Trad. GURGEL RIBEIRO, 2001, p. 173)¹⁷.

(...) há quinze ou vinte anos, a profissão de dono de armazém em **Corrales, Boca, Barracas, era desempenhada por italianos** e quase todos eles oriundos de **Gênova**. Nos mercados observava-se o mesmo fenômeno. Todos os donos de bancas, açougueiros, verdureiros e outros comerciantes provinham da **“bela Itália”** e seus empregados eram rapazes argentinos, mas **filhos de italianos**. E o termo transcendeu (ARLT, R. Origen. Trad. GURGEL RIBEIRO, 2001, p. 174)¹⁸.

Diferentemente da formação discursiva tratada na seção anterior, nas Água-fortes, a língua representada no discurso **é a língua em uso, com variedades e registros**. Aqui a perspectiva do purismo academicista está realmente nas antípodas. Exemplos:

¿Quer que lhe diga outra coisa? Temos um escritor aqui – não lembro o nome – que escreve em puríssimo castelhano e **para dizer** que um senhor comeu um sandwich, (...) **teve que empregar todas estas palavras**: “e levou à boca um pão fatiado com presunto” (...)Eu aposto a minha mãe como o senhor¹⁹], na sua vida cotidiana **não diz** “levou à boca um pão fatiado com presunto”, mas que, **como todos, diria** “comeu um sanduíche”. (ARLT, Idioma... Trad. GURGEL RIBEIRO, P. 282 e 83)²⁰.

Não é preciso dizer que todos sabemos que **um sandwich se come com a boca, a menos que o autor da frase haja descoberto que também se come com as orelhas** (ARLT, Idioma. Trad. GURGEL RIBEIRO, P. 284)²¹.

¹⁷ Esta palabra es auténticamente genovesa (...)

Los genoveses de la Boca cuando observaban que un párvulo bostezaba, decían: “Tiene la ‘fiaca’ encima, tiene”. Y de inmediato le recomendaban que comiera, que se alimentara (ARLT, 1976, p. 40).

¹⁸ (...) hace quince y veinte años, la profesión de almacenero en Corrales, la Boca, Barracas, era desempeñada por italianos y casi todos ellos oriundos de Génova. En los mercados se observaba el mismo fenómeno. Todos los puesteros, carniceros, verduleros y otros mercaderes provenían de la “bella Italia” y sus dependientes eran muchachos argentinos, pero hijos de italianos. Y el término trascendió.” (ARLT, 1976, p. 41).

¹⁹ Trata-se de R. Monner Sans, citado no início da crônica, que tinha dado uma entrevista a jornal chileno, na qual afirma “En mi patria se nota una curiosa evolución. Allí, hoy nadie defiende a la Academia ni a su gramática. El idioma en la Argentina atraviesa por momentos críticos... La moda del ‘gauchesco’ pasó, pero ahora se cierne otra amenaza, está en formación el ‘lunfardo, léxico de origen espurio, que se ha introducido en muchas capas sociales, pero que sólo ha encontrado cultivadores en los barrios excéntricos de la capital argentina. Felizmente, se realiza una eficaz ora depuradora, en la que se hallan empeñados altos valores intelectuales argentinos” (ARLT, 1976, p.141).

²⁰ ¿Quiere que le diga otra cosa? Tenemos un escritor aquí –no me acuerdo el nombre- que escribe en purísimo castellano y para decir que un señor se comió un sándwich, operación sencilla, agradable y nutritiva, tuvo que emplear todas estas palabras: “y llevó a su boca un emparedado de jamón”. (...) Yo me jugaría la cabeza que usted, en su vida cotidiana, no dice: “llevó a su boca un emparedado de jamón”, sino que, como todos diría: “se comió un sandwich” (ARLT, 1976, p. 142-3).

²¹ Además está decir que todos sabemos que un sandwich se come con la boca, a menos que el autor de la frase haya descubierto que también se come con las orejas. (ARLT, 1976, p. 143).

Em todo escritório público ou privado, onde há pessoas respeitadas de nosso idioma, e um empregado vê que seu companheiro boceja, imediatamente **pergunta**:

- Você está com *fiaca*? (ARLT, Origem. Trad. GURGEL RIBEIRO, 2001, p. 175)²²

Quando um malandro que vai dar uma punhalada no peito de um comparsa, **diz**: “vou te enfiar a faca nas costelas” é muito **mais elocuente** do que se **dissesse**: “vou colocar minha adaga no seu esterno” (ARLT, Idioma. Trad. GURGEL RIBEIRO, P. 284)²³.

Last Reason, Félix Lima, Fray Mocho [²⁴] y otros, han influido muito mais sobre nosso idioma do que todas as **bobagens filológicas e gramaticais** de um senhor Cejador y Frauca [²⁵], Benot [²⁶] e todo o bando empoeirado e malhumorado de ratos de biblioteca, que a única coisa que fazem é revolver arquivos e escrever memórias que **nem vocês mesmos gramáticos insignes, se incomodam em ler, de tão chatas que são**. (ARLT, Idioma. Trad. GURGEL RIBEIRO, p. 284)²⁷.

A presença dos nomes de Félix Lima e Fray Mocho trazem, interdiscursivamente, o universo da leitura muito difundida de imprensa periódica da época e, especificamente, da revista *Caras y Caretas* de Buenos Aires, que Fray Mocho dirigiu²⁸, e que produziu uma grande democratização do vínculo entre escritores e leitores e se destacou pelo seu original humor gráfico (RIVERA, 1998, p. 66).

Os breves trechos reproduzidos acima são suficientes para observar as marcas do estilo arltiano: linguagem popular muito informal, uso de expressões lunfardas e de construções nem sempre condizentes com a norma linguística (alguns falam em “erros”), ironia, às vezes, sarcasmo, agudeza singular para “pintar” com humor, mas também corrosivamente, os grandes temas e debates de seu tempo, os personagens da cidade, entre outros apontados

²² *En toda oficina pública o privada, donde hay gente respetuosa de nuestro idioma y un empleado ve que su compañero bosteza, inmediatamente le pregunta:*

o ¿Estás con “fiaca”? (ARLT, 1976, p. 42).

²³ *Cuando un malandrín que le va a dar una puñalada en el pecho a un consocio, le dice: “te voy a dar un puntazo en la persiana”, es mucho más elocuente que si dijera: “voy a ubicar mi daga en su esternón”* (ARLT, 1976, p. 143).

²⁴ Félix Lima (1880-1943) e José S. Álvarez (Fray Mocho) 1858-1903 jornalistas e escritores costumbristas que trabalharam na importante revista *Caras y Caretas*.

²⁵ Julio Cejador y Frauca, filólogo comparatista e clérigo espanhol (1864 -1927) autor de numerosas obras sobre a língua castelhana, entre elas, *Historia de la lengua y literatura castellanas (1915-1920)* (14 volumes).

²⁶ Eduardo Benot Rodríguez, lingüista e lexicógrafo espanhol (1822 – 1907), autor de numerosos dicionários e gramáticas, entre eles *Arte de hablar: gramática filosófica de la lengua castellana* (1910).

²⁷ *Last Reason, Félix Lima, Fray Mocho y otros, han influido mucho más sobre nuestro idioma, que todos los macaneos filológicos y gramaticales de un señor Cejador y Frauca, Benot y toda la pandilla polvorienta y malhumorada de ratones de biblioteca, que lo único que hacen es revolver archivos y escribir memorias, que ni ustedes mismos, gramáticos insignes, se molestan en leer, porque tan aburridas son.* (ARLT, 1976, p. 143).

²⁸ Juntamente com Enrique Pellicer e Manuel Mayol.

pela crítica (GONZÁLEZ, 1996, p. 63-4; GURGEL RIBEIRO, 2001, p. 30-32; FRENKEL BARRETO, 2008, p.250). Neste ponto sobre o estilo, o diálogo com os estudos bakhtinianos e culturais é, no meu entender, especialmente frutífero. Bakhtin, ao retomar a afirmação de Buffon em *Discours sur le style* (1753): "o estilo é o homem", assinala:

O estilo é pelo menos dois homens ou mais exatamente: um homem e um grupo social representado pelo destinatário que participa de modo permanente no discurso interior e exterior do homem e encarna a autoridade que o grupo social exerce sobre ele. (BAKHTIN/VOLOSHINOV, in TODOROV, T. 1981: 212.).

Contudo, esse destaque dado ao feixe de relações sociais imbricadas na produção do discurso não neutraliza a relevância da autoria. Nas palavras de Beth Brait:

[O pensamento bakhtiniano] considera (...) que cada esfera conhece gêneros apropriados a suas especificidades. A esses gêneros correspondem determinados estilos. (...) em nossa cultura, (...) certamente saberemos apontar alguns gêneros e as coerções que determinam sua temática, sua forma composicional e seu estilo. Mas saberemos, também, em meio às estabilidades, apontar o que há de marca autoral... " (BRAIT, B., 2005: 89).

Assim, nesta perspectiva processual de abordar a linguagem, a tensão entre o singular, formulado na cadeia pelo autor do intradiscorso e a alteridade constitutiva do interdiscorso é estudada considerando regularidades socioculturais específicas. Como observa Eagleton:

Há, sem dúvida, todo tipo de situações em que a linha entre as conotações privadas e públicas das palavras é incerta. Mas se uma conotação não pode existir de modo plausível para outro, também não pode existir como significado para mim. (EAGLETON, 2008: 111).

Até aqui, em relação às Águas-fortes, salientamos detalhes dessa outra formação discursiva no domínio de saber sobre a língua, que pode ser chamada de **includora do mundo imigrante**. Como diz Eagleton, abordar discursivamente a escrita literária é abordá-la em toda sua densidade material (EAGLETON, 2008, p. 2). Essa materialidade não é apenas verbal, mas, obviamente, é também histórica, o que compreende as lutas efetivas dos imigrantes por espaço econômico-social e expressivo na primeira metade do século XX. Os textos que ilustram nossas considerações foram produzidos especificamente em 1928 e 1930 (GURGEL RIBEIRO, 2001, 175 e 284). Mas esta análise de ressonâncias discursivas pode levar

também a interrogações que, a meu ver, abrem perspectivas de pesquisa com foco nos processos enunciativos (e não apenas no conteúdo ou nos temas) de seus imaginários. Assim, observem-se as seguintes formulações, com ressonâncias discursivas: a) de **sentidos sobre força e violência físicas**, tanto em representações da sociabilidade portenha como na escolha da comparação da gramática com o boxe (esporte muito popular à época, mas isso não diminui a relevância de reparar na escolha) e b) ressonâncias de sentidos de **prepotência como argumento discursivo**. Exemplos:

Esses rapazes eram os que intervinham em todo jogo para amargar a festa, até que um "menino", **algum garoto bravo, pregava um belo sopapo neles, os eliminando da função**. (ARLT, Origem. Trad. GURGEL RIBEIRO, 2001, p. 174)²⁹.

A gramática se parece muito com o boxe. (...) palavras que indignam os professores como indigna a um professor de boxe europeu o fato inconcebível de que **um garoto que boxeia mal acabe com a alma de um aluno seu que, tecnicamente, é um perfeito pugilista** (ARLT, Idioma. Trad. GURGEL RIBEIRO, P. 283)³⁰.

Um povo impõe sua arte, sua indústria, seu comércio e seu idioma por prepotência. Nada mais. O senhor veja o que acontece com os Estados Unidos. Mandam-nos seus artigos com rótulos em inglês, e muitos termos ingleses nos são familiares. No Brasil, muitos termos argentinos (lunfardos) são populares. Por quê? **Por prepotência** (ARLT, Idioma. Trad. GURGEL RIBEIRO, P. 283)³¹.

As interrogações que levanto como hipóteses de trabalho estão relacionadas a análises que fiz de corpora de discursos epistolar e cotidiano, no espanhol contemporâneo da classe média da cidade de Buenos Aires e português brasileiro de cidades paulistas, tendo sido ambos os corpora produzidos em contextos situacionais equivalentes³². Os resultados permitiram estabelecer formações discursivas de abrupção (presentes em ambos os corpora, mas predominantes nos materiais em espanhol riopratense), nas quais os sentidos

²⁹ *Esos muchachos eran los que en todo juego intervenían para amargar la fiesta, hasta que un "chico", algún pibe bravo, los sopapeaba de lo lingo eliminándoles de la función* (ARLT, 1976, p. 41).

³⁰ *La gramática se parece mucho al boxeo. (...) palabras que indignan a los profesores, como lo indigna a un profesor de boxeo europeo el hecho inconcebible de que un muchacho que boxea mal le rompa el alma a un alumno suyo que, técnicamente, es un perfecto pugilista* (ARLT, 1976, P. 142 E 143).

³¹ *Un pueblo impone su arte, su industria, su comercio y su idioma por prepotencia. Nada más. Usted ve lo que pasa con Estados Unidos. Nos mandan sus artículos con leyendas en Inglés, y muchos términos ingleses nos son familiares. En el Brasil, muchos términos argentinos (lunfardos) son populares. ¿Por qué? Por prepotencia* (ARLT, 1976, p. 143).

³² Cf. SERRANI, 1997, 2001.

discursivos são construídos pelo enunciador de forma abrupta, ríspida ou, digamos, “prepotente” (por exemplo, no caso de respostas negativas, estas são muito categóricas e com frequente tom de indignação); e de formações discursivas de mediações (também presentes em ambos os corpora, mas predominantes nos materiais em português brasileiro), nas quais os sentidos são construídos mediante uma sucessão de enunciados que vão produzindo transições de sentidos para que o interlocutor faça inferências a partir de sentidos implícitos (no exemplo das respostas negativas, as transições podem, em alguns casos, serem tantas, que, o “não” nunca chega a ser formulado, mesmo que o propósito da negativa seja o motivo do discurso). Nesses estudos concluí que, nos extremos de ambas as formações discursivas, isto é, de grande abrupção ou de grande mediação na construção do sentido (mesmo com realizações na cadeia verbal muito diferentes) têm pontos de contato, em relação ao que O’Donnell chama de macro-temas: esses discursos abruptos ou mediados em extremo estariam imbricados em práticas de sociabilidade não afinadas com a construção de processos democráticos, nos quais a construção dos sentidos é mais partilhada pelos sujeitos sociais³³. Em nossa visão, o exame de ressonâncias discursivas, o estabelecimento de formações discursivas e a elaboração de hipóteses explicativas sobre as tendências enunciativo-discursivas dominantes, em relação à memória socio-histórica, podem trazer contribuições para aprofundar a compreensão do funcionamento sociocultural. Na ocasião da pesquisa referida, as hipóteses explicativas, a partir do trabalho interdisciplinar com as Ciências Sociais (O’DONNELL, SCHIMITTER e WHITEHEAD, 2004; GARCÍA CANCLINI, 2005) foram feitas correlações com o fato de a sociedade argentina, ao longo do século XX, ter sido regida por corporações - agrárias, sindicais, militares - (O’DONNELL, 1986, p. 150), o que seria um fator de peso nas condições de produção dos discursos e da sociabilidade.

Agora, à luz desta análise atual de ressonâncias sobre as representações da língua e dos falares imigrantes nas Águas-fortes de Roberto Arlt, levanto a hipótese de trabalho de aprofundar o estudo do papel da resposta ao silenciamento e exclusão do mundo imigrante na memória discursiva, dando-se maior peso ao fator: relações sociais e discursivas sufocadas, silenciadas, atacadas ou enquadradas das memórias imigrantes. A memória,

³³ Para o conceito de democracia, tomo como referência os atributos explicitados em O’Donnell, 2007: 70. Um ponto relevante para nosso trabalho é o questionamento que esse autor faz da visão minimalista de democracia, que consiste em reduzir o conceito estritamente ao sistema político. Para O’Donnell é preciso abarcar a dimensão ampla de construção da cidadania em diferentes domínios, não só políticos, mas também civil, econômico e cultural.

como diz Pierre Nora, se sustenta no passado, mas é sempre atual (NORA, 1996, p. 26). Ela é de uma materialidade viva, que pode ser reconfigurada, atualizada, esquecida ou retomada. A materialidade discursiva é crucial para o estudo da memória literário-cultural. Grandes autores, como Roberto Arlt, captam sentidos sociais predominantes e os expressam na singularidade de sua escrita. Em relação à imigração, no caso específico deste autor, deve se considerar o fato de ele próprio ser filho de imigrantes vindos de região onde hoje se encontra a Polônia. Podemos abordar as ressonâncias ilustradas no último grupo de sequências, em que não há mediações na construção de sentidos e a violência é um argumento que dirime conflitos, como um sintoma das contradições que precisam ser melhor estudadas nas matrizes de sentidos na discursividade do Cone Sul.

Considerações Finais

No tema tratado do discurso sobre a língua no contexto imigratório, pela própria natureza da questão, fica evidente a relação com a problemática da **interculturalidade**. Essa noção aborda a heterogeneidade discursivo-cultural sem restringir-se a etnias ou grupos isolados em espaços próprios. Como bem observa García Canclini (2006, p. 386), esse tipo de abordagem restritiva tem levado a ênfases em exotismos culturais, que boa parte da literatura sobre diversidade cultural na América Latina produziu ao concentrar-se nas diferenças, compartimentalizadas, entre indígenas, afro-americanos e brancos. A proposta de analisar ressonâncias e formações discursivas em redes textuais de muita circulação em um dado contexto (como foi o caso ilustrado) pode trazer contribuições para o estudo da interculturalidade e para avançar no campo – utópico, mas necessário - da tradução cultural, que, como lembra Buarque de Hollanda (2003, p. 279), é um dos grandes desafios do século XXI.

Referências Bibliográficas

ALIMONDA, Héctor. Paz y Administración – Ordem e Progresso. Expansão Exportadora e Formas Políticas 1860-1916 e no Brasil, 1889-1929. Tese de doutorado. FFLCH- Universidade de São Paulo, 1982.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Ces mots qui ne vont pas de soi*. Paris: Larousse, 1995.

_____. *Palavras Incertas*. Campinas: Ed. Da Unicamp, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. Tradução Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 3ª. Edição, 2000

_____./VOLOSHINOV, V. Le discours dans la vie et le discours dans la poésie. Contribution à une poétique sociologique [1926]. In TODOROV. T. *Mikhail Bakhtine: le principe dialogique. Suivi de Écrits du Cercle de Bakhtine*. Paris: Seuil, 1981, pp. 181-215.

BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin - Conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. (Org.) *Bakhtin - Outros Conceitos-Chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa. Notas de pé de página, *Puentes/Pontes* Antologia de Poesia Argentina e Brasileira Contemporânea. Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 2003, p. 279-287.

CATTARULLA, Camilla. *Di proprio pugno – Autobiografie di emigranti italiani in Argentina e in Brasile*. Reggio Emilia (Itália): Diabasis, 2003.

COURTINE, J.J. Analyse du discours politique. *Langages* 62. Paris: Larousse, 1981.

EAGLETON, Terry. *Ideologia*. Uma Introdução. Tradução Silvana Viera e Luis Carlos Borges. São Paulo: Ed. Da Unesp e Editora Boitempo, 1997.

_____. *How to Read a Poem*. Oxford: Blackwell Publishing. 2008.

FOUCAULT, Michel. *La arqueología del saber*. Trad. De Aurelio Garzón del Camino [1a. Ed. De Siglo XXI: 1970; 1a. ed. Francesa 1969]. México: Siglo XXI Editores, 11a. ed., 1985.(última edição brasileira, 2012).

FRENKEL BARRETO, Eleonora. Mancos e bizcos: 'Imperfeições' na linguagem de Lima Barreto e Roberto Arlt. *Eutomia – Revista on line de Literatura e Linguística*, 2008. Ano I – Nº 01 (248-265).

GADET, Françoise, HAK, Tony (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso* - Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp [1990], 4ª. edição, 2010.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Hybrid Cultures: Strategies for Entering and Leaving Modernity*. Trad. Christopher L. Chappari e Silvia L. Lopez. Minneapolis: Minnesota University Press, 2005.

----- . Diversidade Cultural. In SADER, Emir, JINKINGS, Ivana NOBILE, Rodrigo, MARTINS Carlos Eduardo (Orgs.). *Latinoamericana -Enciclopedia Contemporânea da América Latina e do Caribe*. Rio de Janeiro/São Paulo: UERJ/ALPAC/Boitempo Editorial, 2006, pp. 385-393.

GONZÁLEZ, Horacio. *Art. Política y locura*. Buenos Aires: Colihue, 1996.

GURGEL RIBEIRO, Maria Paula. *Tradução de 'AGUAS-FORTES PORTENHAS' de Roberto Art. Tese de Mestrado, USP, 2001.*

Em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8145/tde-12042002-115005/pt-br.php>
Acessado em 12 de julho, 2012.

JITRIK, Noé. *El mundo del ochenta*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1982.

NORA, Pierre. Entre mémoire et histoire – La problématique des lieux. In NORA, P. (Org.) *Les Lieux de mémoire* 3. v. Paris: Gallimard, 1996, pp., 23-43.

O'DONNELL, Guillermo. *Contrapontos. Autoritarismo e Democratização*. São Paulo: Edições Vértices, 1986.

_____. *Dissonances. Democratic Critiques of Democracy*. Indiana, USA: University of Notre Dame Press, 2007.

O'DONNELL, G., SCHMITTER, P. C. e WHITEHEAD, L. *Transiciones desde un gobierno autoritario. Perspectivas Comparadas*. Vol. 1. Barcelona-Buenos Aires-México : Ediciones Paidós, 2004.

ORLANDI, Eni *A linguagem e seu Funcionamento*. Campinas: Pontes, 1983], 4a. Edição: 2006.

_____. *Discurso e Leitura*. Campinas/São Paulo: Ed. Da Unicamp e Cortez Editores, [1988], última edição 1999.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso. In GADET, Françoise e HAK, Tony. *Introdução à Análise Automática do Discurso*. Varios tradutores. Campinas: Ed. Da Unicamp, pp 61-161.

_____. *Semântica e Discurso*. Tradução: Eni Orlandi, Lourenço Chacon, Manoel Corrêa e Silvana Serrani. Campinas: Editora da Unicamp [1a. Ed. 1975], 5ª. Edição brasileira, 2009.

RAMA, Ángel. La narrativa en el conflicto de las culturas. In ROUQUIÉ, Alain. *Argentina, hoy*. Buenos Aires: Siglo XXI, 1982, pp. 249-279.

RIVERA, J. B. El escritor y la industria cultural. Buenos Aires: Atuel, 1998.

RUBIONE, A. (Org.) *En torno al Criollismo. Textos y Polémica*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1983.

SCHWARTZ, Jorge. Lenguajes Utópicos. 'Nwestra Ortografía Bangwardista': Tradición y Ruptura en los Proyectos Lingüísticos de los Años Veinte. In PIZARRO, Ana. *América Latina - Palavra, Literatura e Cultura*. São Paulo/Campinas: Memorial e Ed. da Unicamp, 1995, pp 31-55.

SERRANI, Silvana. *A Linguagem na Pesquisa Sociocultural*. Um Estudo da Repetição na Discursividade. Campinas: Ed. da Unicamp, 2a. ed., 1997.

_____. Formações Discursivas e Processos Identificatórios na Aquisição de Línguas. In *DELTA - Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, São Paulo, 1997, v. 13, n. 1, p. 63-81.

_____. Resonancias Discursivas y cortesía en prácticas de lecto-escritura. *DELTA - Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, São Paulo, 2001, v. 17, n. 1, p. 31-58.

Referências de Fontes Primárias

ALBERDI, Juan Bautista. Prefacio III. *Fragmento Preliminar al Estudio del Derecho*. Buenos Aires: Biblos, 1984, p. 153-161.

ARLT, Roberto El origen de algunas palabras de nuestro léxico popular e El idioma de los argentinos. In ARLT, R. *Aguafuertes porteñas*. Buenos Aires: Losada, 1976: 40-42 y 141-144, respectivamente.

CANÉ, Miguel,... "La cuestión del idioma" publicado en el diario *La Nación* el 5 de octubre de 1900. In *Prosa ligera*. Buenos Aires: Administración General Casa Vaccaro, 1919.

ESTRADA, Carlos. Carta al doctor E. Quesada. *El Tiempo*. Buenos Aires, 212/10,1902. In

RUBIONE, A. (Org.) *En torno al Criollismo, Textos y Polémica*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1983, p. 239-242.

MONNER SANS, Ricardo. Notas Lexicográficas. In *Revista de Derecho, Historia y Letras*, tomo XI. Buenos Aires, 1902: 354-375.

_____. El pleito del lenguaje. In *Revista de la Universidad de Buenos Aires*, año III, tomo V, Buenos Aires, marzo de 1906: 31-35.

QUESADA, Ernesto. El 'criollismo' en la literatura argentina. *Estudios*, año 1, tomo III. Buenos Aires, 1902. In RUBIONE, A *En torno al criollismo*. Buenos Aires: CEAL, 1983, pp. 103-230.

_____. *El Problema del Idioma Nacional*. Buenos Aires: Revista Nacional Casa Editora, 1900.

SOTO Y CALVO, F.. De la falta de carácter en la literatura argentina, *Estudios*, año II, tomo IV, 1903. In Rubione, R. (Org.) *En torno al Criollismo*. Textos y Polémica. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, Buenos Aires, 1983: 261-276.

ⁱ **Silvana SERRANI, Profa. Titular**
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Instituto de Estudos da Linguagem – Pesquisadora do CNPq
silvana.serrani@iel.unicamp.br